

Feliz 2015?

Ano termina com uma série de pendências e ameaças para a comunidade puquiana.

É costume chegar ao final do ano com perspectivas mais animadoras para os novos 365 dias que se vislumbram no calendário. Porém, numa PUC-SP tão conturbada parece difícil aventar qualquer perspectiva positiva.

Vejamos a situação: do ponto de vista econômico continuamos sem receber algumas dívidas históricas da entidade mantenedora, como o já famoso 7,66%, referente aos valores acumulados desde 2005 no salário dos professores que não fizeram acordo em separado com a Fundasp.

Também os funcionários têm a receber a remuneração relativa aos quinquênios, uma luta legítima ganha na Justiça do Trabalho e cujos valores retroativos ainda não foram pagos.

A essas dívidas históricas soma-se o abono da Participação nos Lucros e Resultados, que foi pago por todas as instituições de ensino superior do Estado, menos a PUC-SP e mais três escolas. A Justiça também já deu parecer favorável aos trabalhadores e o Sinpro-SP entrou com ação de cumprimento da sentença.

Da mesma forma, os donos da PUC-SP não falam mais em retomar os

contratos pagos antes da chamada "maximização", em 2006, quando os salários foram reduzidos de forma unilateral e arbitrária, em total desrespeito à Constituição Federal. Era para vigorar durante um ano, todos os professores foram arrojados, e a situação perdura até hoje.

CARREIRA

2014 foi mais um ano em que os chamados repressados (professores que são impedidos de ingressar ou subir na carreira mesmo já tendo cumprido o período probatório) continuaram sem perspectiva de ver sua situação modificada.

Para 2015 a Universidade também não definiu concretamente uma mudança de situação. Ao contrário, as perspectivas sombrias de mais um arrocho contratual permanecem, já que a preocupação principal da mantenedora visa cortar salários para resolver a crise financeira da instituição.

Igualmente, os funcionários não têm o menor vislumbre de uma regulamentação em seu Plano de Cargos e Salários tantas vezes requisitado pela AFAPUC.

O orçamento para o próximo ano, apresentado

no Consun, também assusta os estudantes, principalmente pelo que não foi dito. A receita deverá crescer R\$ 40 milhões, mas ninguém sabe até agora qual será o aumento a ser praticado nas mensalidades.

Por outro lado, para se adequar ao novo Termo de Ajustamento de Conduta do Ministério Público a universidade terá que baixar mais ainda o comprometimento de sua folha de pagamento em relação à folha bruta. Hoje está comprometendo 73,8% e no ano que vem deverá ficar em torno de 69,8%.

PUNIÇÕES

Em 2014 continuaram as punições de 2013. Em agosto a reitoria abriu processo administrativo contra três professores do curso de Filosofia sob a acusação de que os três haviam convidado o ator José Celso Martinez para participar, no campus Monte Alegre, de manifestação contra a reitora biônica Anna Cintra.

A pressão da comunidade interna e externa fez com que a Universidade revise o enquadramento e arquivasse o processo. Da mesma forma que, no início do ano a reitoria indicada arquivou o processo

contra a professora Bia Abramides, diretora da APROPUC, depois de grande pressão de professores, funcionários, estudantes e da sociedade.

Mas a punição aos docentes também ocorre sob outros disfarces. As avaliações e processos de credenciamento têm-se revelado mais como instrumento de penalização do que de uma legítima avaliação. Utilizando-se de critérios meramente produtivistas, a reitoria imposta puniu com a não renovação do credenciamento professores que têm uma grande produção acadêmica, mas não cabem nos estreitos critérios quantitativos da Capes e da PUC-SP.

Por tudo isso é que chegamos ao final de mais um ano sem ter nada para comemorar. Está cada vez mais distante a possibilidade de se reverter, na PUC-SP, o clima de repressão e desqualificação profissional, de arrocho salarial e de burocratização, que tomou conta da instituição. Está cada vez mais distante fazer a Universidade retornar ao seu caminho histórico de convivência democrática, excelência acadêmica e inserção transformadora na sociedade.

Programa de Pós em Psicologia manifesta apoio ao professor Miguel Chaia

É com atraso, devido ao adiamento da nossa reunião mensal, mas não com menos convicção, que o Colegiado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP vem juntar-se aos inúmeros protestos internos e externos à nossa Universidade, contra a retirada do professor Miguel Chaia da relação de docentes permanentes do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São públicas e notórias a qualificação, posição e produção de prestígio no meio acadêmico-universitário do

referido professor, o que torna completamente incompreensível e injustificável a mencionada exclusão. Não fosse todo o restante, bastaria lembrar sua atuação competente e dedicada na direção da EDUC, cuidando zelosamente da produção editorial e difusão da produção científica de nossa Universidade. Porém, nosso colega professor tem feito muito mais do que isto, seja ao longo de toda a sua vida acadêmica, seja no período específico considerado pela avaliação para o recredenciamento, como bem ele o evidencia

na bela carta aberta publicada na edição nº 929 do PUCviva, em que exprime seu justo inconformismo. Também nos parece bastante preocupante e grave a retirada de outros colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da relação de docentes permanentes. Estes e outros fatos mostram a

necessidade urgente de uma discussão séria, profunda, democrática e abrangente dos critérios de avaliação da qualificação acadêmica e científica dos professores na PUC-SP.

Colegiado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP

**MANIFESTE O SE APOIO AOS PROFESSORES
PENALIZADOS PELA PUC-SP
ACESSE**

https://secure.avaaz.org/po/petition/Reitoria_da_PUCSP_Revisao_dos_critérios_utilizados_no_recredenciamento_docente_da_PUCSP/?IMGBNab&pv=0

Em protesto, orientador não comparece à cerimônia de premiação de iniciação científica

O professor de Filosofia Jonnefer Barbosa orientou um trabalho de iniciação científica do aluno André Leones, premiado na PUC-SP. O aluno enviou e-mail ao professor onde demonstrava o seu contentamento e acrescentava ao final: "A PUC-SP vive tempos 'interessantes', se me permitem o eufemismo algo escarnekedor. Ainda temos professores maravilhosos, mas a estrutura institucional parece empenhada em sufocá-los. Há que se resistir como e até onde for possível. É o que o professor Jonnefer tem feito. Logo, só posso mesmo apoiá-lo".

Jonnefer, um dos professores sindicados no início do semestre acusado de

participação na vinda de José Celso Martinez Corrêa à PUC-SP, enviou mensagem a seus colegas de Faficla onde manifesta sua posição:

"Fico muito feliz com a premiação da pesquisa de meu orientando André Leones (melhor pesquisa em Filosofia). É um trabalho de fôlego, que merece publicação e prosseguimentos. É prazeroso, como docente, fazer pesquisa, porém não participarei da 'Cerimônia de Premiação' de 2/12 em virtude dos motivos abaixo:

- A PUC-SP poderá dispor desta pesquisa para seus índices de produção, porém, como professor auxiliar de ensino, não recebo de acordo com minha

titulação e não tenho qualquer incentivo institucional para pesquisar profissionalmente, de forma minimamente compatível com as exigências desta atividade.

- O trabalho tem todos os méritos e merece todos os prêmios, mas estar nesta cerimônia oficial seria

respaldar (ou até encobrir) a extrema precarização a que meu trabalho está submetido. Faço pesquisa, hoje, tão somente por interesse e empenho individual, mas esta não deve ser a regra em uma instituição universitária que procure fazer jus a esta denominação".

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Marcela Reis,
Marina D'Aquino e
Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e
Editoração:** Valdir Mengardo e
Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz
Abramides, João B. Teixeira,
Hamilton Octavio de Souza e
Victoria C. Weischtordt

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP:
05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182,
7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio
Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.
com.br – **PUCViva na Internet:**
www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente
as posições das entidades e da redação.

GAUCHE NA VIDA

Desafio da esquerda é unir forças contra o retrocesso

A conjuntura política mostra que o conteúdo conservador e neoliberal do novo governo recomenda a urgente mobilização dos trabalhadores e dos movimentos populares para defender avanços sociais.

Hamilton Octavio de Souza

A direita redescobriu o gosto pelas manifestações de rua, o poder da mobilização e a possibilidade de encurralar o governo e a incipiente democracia burguesa vigente no Brasil. Ainda mais porque os 12 anos de lulismo não contribuíram em nada para elevar o nível de formação política das classes trabalhadoras e nem para estimular a organização combativa dos setores populares. A capacidade de mobilização do governo tem ficado restrita às campanhas eleitorais ou, quando muito, é direcionada para contracenar com as oposições e fazer alguma pressão no jogo institucional.

Divididas entre governo e oposições, as esquerdas têm apostado no ascenso do movimento social, na mobilização dos trabalhadores e nas manifestações de rua. Mas não conseguiram até o momento alterar a correlação política a ponto de impor a agenda e a pauta das demandas populares. Agora, após as novas composições definidas no embate eleitoral, parece claro que o acirramento do confronto coloca na ordem do dia batalhas decisivas por avanços ou retrocessos – políticos, econômicos e sociais, com consequências diretas para as classes trabalhadoras e a

grande maioria do povo.

O ciclo das alianças do petismo com os partidos de centro e de direita, em troca de cargos e propinas eleitorais, está próximo do esgotamento. A quase vitória eleitoral do conservadorismo explícito, que o PSDB de Aécio Neves passou a representar com evidente competência, deixou sinalizada para o bloco formado em torno de Dilma Rousseff, no chamado projeto lulista, que o conservadorismo da situação passou a ter uma alternativa segura de futuro, que não depende e não precisa mais estar ancorado na aliança com o PT – que, por sinal, foi o partido mais desgastado eleitoralmente na coligação com PMDB, PSD, PRB e PP.

Ao mesmo tempo, a onda da economia favorável aos programas sociais deu os últimos suspiros em 2014, o que coincide com a volta da instabilidade e a inquietação dos setores dominantes. Agora o quadro é revelador: crescimento do PIB próximo de zero, redução da atividade industrial, déficit na balança comercial, oscilação descontrolada do dólar, tendência forte de aumento do desemprego, crescente inadimplência de pessoas físicas e jurídicas, ampliação da desigualdade entre ricos e pobres, clima de insegurança pública generalizada

e ainda por cima escândalos de corrupção que atingem duramente a maior empresa brasileira (Petrobras), empreiteiros e políticos das várias legendas.

A crise do modelo estimula o acirramento dos confrontos entre setores do capital e entre as classes sociais. Os beneficiários do sistema dominante pregam os ajustes necessários para retomar os níveis de acumulação dos financistas e rentistas. O setor primário e o agronegócio reclamam de fôlego e de muito apoio para retornarem aos patamares perdidos na exportação e na inserção internacional. O setor industrial não tem mais para onde correr se continuar sendo bombardeado com a livre importação de manufaturados, sem proteção alfandegária e sem dinheiro com juro baixo. O setor de serviços esgotou sua capacidade de absorver os danos da desindustrialização e não tem mais como evitar a queda nos postos de trabalho e na massa salarial.

ARTICULAÇÃO DA LUTA

Está claro, portanto, que na atual situação, diante do pega-pega, cabe ao conjunto das forças de esquerda, e a todos que tenham compromisso verdadeiro com os trabalhadores e as transformações estruturais, ar-

ticular alianças, definir programas e construir o campo próprio de luta, com mobilizações e ações concretas. Essa importante e urgente tarefa visa não apenas impedir que na crise do modelo econômico a conta seja paga pelos trabalhadores e os mais pobres, mas também para colocar na ordem do dia as principais reivindicações da população.

Nesse sentido, é preciso impedir que o “ajuste” do modelo seja feito com cortes nos programas sociais do governo, com redução de investimentos em educação, saúde, moradia e transportes públicos. É preciso, igualmente, lutar ferozmente contra novos pacotes de privatizações, que reduzam ainda mais o poder de gestão das políticas públicas do Estado, assim como novas alterações na Constituição Federal e na legislação trabalhista e social que impliquem em perda de direitos para os trabalhadores.

Além da agenda defensiva, as esquerdas precisam convencer as classes trabalhadoras, os sindicatos e os movimentos sociais, a se mobilizarem para uma luta de novas conquistas, de tal maneira que sejam colocadas nas ruas – nas greves e nas manifestações – todas as demandas políticas e

continua na próxima página

continuação da página anterior

sociais que representam as aspirações da maioria dos brasileiros, entre as quais a urgente reforma política e a urgente democratização dos meios de comunicação, a concretização da reforma agrária, a reforma urbana (habitação e transportes para todos), a redução da jornada de trabalho para 40 horas, a eliminação do fator previdenciário, o fim do trabalho informal (registro na carteira profissional para todos), aumentos reais do salário mínimo, respeito aos direitos individuais e sociais previstos na Constituição de 1988 e na legislação trabalhista.

Sem avançar nessas lutas, corremos o risco não somente de patinar mais alguns anos em completa apatia política, sem avanços sociais, no jogo do marasmo que interessa apenas ao capital. Quando o povo não conquista melhorias de vida e de trabalho, quando a inércia toma conta da sociedade, quando o desenvolvimento não chega com mudanças concretas e efetivas para os trabalhadores, é sinal que o processo de acumulação da renda e da riqueza está levando grande vantagem e que os privilégios da minoria estão devidamente preservados.

O momento é de muita luta: sem retrocesso e por novas conquistas.

Hamilton Octavio de Souza é jornalista e professor.

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Prefeito do PT reprime ocupação no ABC paulista

O prefeito Luiz Marinho do PT ordenou a reintegração de posse da ocupação Devanir José de Carvalho, em São Bernardo do Campo/SP. A ocupação, que ficava num terreno abandonado há quase 30 anos e, portanto, não cumpria sua função social, foi despejada no dia 29 de novembro.

A Guarda Civil de São Bernardo do Campo chegou ao lugar sem disposição alguma de dialogar, dando apenas 20 minutos para as famílias deixarem o local e reprimiram com bombas de gás e balas de borracha. Muitas pessoas ficaram feridas e tiveram os pertences destruídos. Após a reintegração, uma operação com a finalidade de eliminar as provas da destruição e da violência foi ordenada pelo prefeito Luiz Marinho (PT), que permitiu diversas ilegalidades em tal ato.

Em nota, o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) - Núcleo Carlos Marighella mostrou apoio ao Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) na ocupação Devanir José de Carva-

lho, em São Bernardo do Campo (SP).

O MST demonstrou apoio a todos os movimentos urbanos: "Nós, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

(MST), sempre estaremos juntos das causas justas e das lutas populares urbanas, pois só a unidade entre a classe trabalhadora do campo e da cidade vai mudar, de fato, o Brasil."

MST compõe atividade no Dia Mundial Contra os Agrotóxicos

No Dia Mundial de Luta Contra os Agrotóxicos, quarta-feira, 3/12, diversos movimentos e organizações sociais fizeram um debate sobre os perigos dos agrotóxicos, mediante uma rádio itinerante na Praça do Patriarca, no centro de São Paulo. De acordo com o secretário Nacional de Meio Ambiente da CUT, Jasseir Fernandes, em entrevista ao MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), o objetivo da atividade é discutir com o povo modos de pressionar o governo federal a adotar políticas progressistas para o campo.

Também de acordo com o MST, a Secretária Municipal de Políticas para as Mulheres, Denise Motta Dau discorreu sobre os malefícios que o uso e o manuseio dos agrotóxicos causam na saúde da mulher: "O uso do agrotóxico para a po-

pulação em geral é nocivo, mas na saúde das mulheres ele tem um efeito maior.

O ciclo hormonal é alterado, há maior índice de aborto nas regiões em que os venenos são manuseados por mulheres, isso sem falar de deformações de fetos e maior incidência de todos os tipos de câncer".

A assessora da Secretária Nacional do Meio Ambiente da CUT, Vânia Viana, disse ainda que os movimentos organizados devem chamar a atenção da população de São Paulo para o consumo excessivo dos agrotóxicos. Ela afirma ainda que a bancada ruralista, grande defensora do uso de agronegócios, cresceu muito: teve um aumento de 33% nas últimas eleições e elevou de 205 para 273 o número de deputados e senadores no Congresso.

Aula Pública com MTST discute lutas por moradia urbana

Na quinta-feira, dia 11, acontecerá uma aula pública com Guilherme Boulos, coordenador nacional do MTST (Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra), às 19h na Praça Roosevelt. A atividade, que é aberta, terá início com a apresentação do documentário "Recife, cidade roubada", do movimento Ocupe Estelita.

O tema da aula, que compõe o Roosevelt Livre #20, é "SP em movimento: experiências de luta pelo direito a cidade". Serão discutidos assuntos como: Para quem as cidades são construídas? Quais os interesses econômicos e políticos que movem o seu desenvolvimento? Como as camadas populares resistem à força da grana que

ergue e destrói coisas belas?

O MTST foi crucial para a aprovação do Plano Diretor de São Paulo, além de, pouco antes da Copa do Mundo, ocupar um terreno perto da arena que sediou a abertura do evento, colocando em pauta investimentos públicos, especulação imobiliária e questão de moradia.

FALA COMUNIDADE

A última guerra de Gaza e o samba do crioulo doido

Franklin Goldgrub

Algumas expressões ficaram eternizadas pela sua origem na língua portuguesa falada no Brasil. O "samba do crioulo doido", criada, salvo engano, por Sebastião Ponte Preta, é uma delas. Uma das mais recentes manifestações dessa forma de criatividade ocupou seu espaço no PucViva, dando sequência a uma prolongada tradição.

O seu autor (ou autores) foram homenageados (antecipadamente?) por SPP devido à imensa capacidade de vincular fatos que uma lógica elementar julgaria totalmente desconexos. O samba enredo foi o berço, certamente esplêndido, da tenacidade com que poetas, confrontados talvez por um prazo exíguo, "encheram linguça" (outra metáfora tipicamente nossa) em torno de temas que em princípio pareceriam pouco propícios para composições musicais ligadas ao ufanismo.

A última guerra de Gaza, tão lamentável como as anteriores, deu margem a mais essa explosão criativa. Assim, em chamativa proximidade, aparecem exemplos de desigualdade social extrema (53 milhões de refugiados), as causas da guerra civil na Ucrânia, os "impulsos belicosos do Japão contra a China" e a "nova ordem mundial", anunciada sobre os escombros do muro de Berlim, cantada como "a própria expressão do fim da história".

Quem quer que, apesar de tudo, se esforce em perseguir a lógica subjacente a esse arrazoado, não poderá deixar de perceber, a partir do próprio títu-

lo do artigo, que o carro chefe é Israel. Poder-se-ia pensar que os autores estariam tomando por referência a ocupação do Tibet pela China, os 130 mil mortos e 2 milhões de refugiados da guerra civil síria, a guerra civil do Sudão, os inúmeros conflitos que produzem sua quota de mortandade tanto no Iraque, como no(s) Iemen(s), na Líbia, no Egito, na Arábia Saudita ou, falando de maneira geral, no Oriente Médio.

De forma alguma. Trata-se, unicamente, de culpar Israel e, portanto, é preciso ser extremamente seletivo. Sobretudo, é necessário omitir as causas dos conflitos, tanto as recentes como as remotas. Aqui e ali o texto busca relativizar as acusações a Israel mediante álibis desajeitados - mas o resultado é tal que os apreciadores dos "Protocolos dos Sábios de Sião" jamais sentir-se-ão desapontados.

O argumento mais impactante é que morreram poucos israelenses quando comparados com palestinos. Como sempre, a causa dessa disparidade é omitida: os israelenses procuraram minimizar as baixas civis e militares de ambos os lados, enquanto o alto comando terrorista buscou aumentá-las tanto quanto possível, mediante a tática dos "escudos humanos". A finalidade foi servir essa defasagem como prato principal para a mídia faminta de números impactantes - juntamente com o tempero das fotos chocantes (nem sempre extraídas de Gaza. A Síria forneceu um bom número de casos. Mas o fim justifica os meios...).

De outra forma, faltaria às "análises" proferidas em nome da "esquerda", a sua pimenta

preferida, a palavra genocídio. Mas se Israel não conseguisse defender suficientemente seus civis e os civis palestinos (é preciso lembrar que os terroristas - ou militantes - do Hamas não usam uniformes), permaneceria culpado pelo grande número de mortes.

Entretanto, já que os autores do texto mostraram certo apreço por paralelos históricos, cabe lembrar que os mesmos se encontram à mão. Em 1938 Hitler propôs-se a libertar a minoria alemã dos Sudetos, região pertencente à então Tchecoslováquia, da "opressão tcheca". Primeiramente alarmados e depois aliviados, Neville Chamberlain e Edouard Daladier, primeiros-ministros da Grã-Bretanha e da França, respectivamente, voltaram de um encontro com Adolf Hitler, chanceler do III Reich, munidos de um documento ("Paz para o Nosso Tempo") que asseguraria o fim da possibilidade de qualquer confronto bélico. Cerca de um ano depois (setembro de 1939), porém, Hitler invadiu a Polônia, desencadeando a segunda guerra mundial.

Não foi por falta de conhecimento que os autores de "Massacre de Gaza é um sintoma da barbárie no mundo" deixaram de lado esse paralelo histórico evidente. Assim como a Grã-Bretanha e a França permitiram o rearmamento da Alemanha para utilizar o respectivo poderio bélico contra a União Soviética, o regime egípcio permitiu o rearmamento do Fatah (inicialmente) e do Hamas (posteriormente) para manter o regime israelense (fosse qual fosse o partido líder da coalizão) em xeque, sempre que conveniente.

Os fornecedores de armas ao regime egípcio... bem, esse é um capítulo interessante. Os mesmos americanos que outorgariam anualmente mais de 3 bilhões de dólares ao exército israelense foram (talvez ainda sejam) os principais responsáveis pelo armamento do exército egípcio. (Nos últimos entrevistos entre ambos, os russos se ofereceram generosamente para substituí-los, e, além dos russos, os sauditas, que por sua vez são clientes dos americanos. Essa novela vai longe...). Mas nossos articulistas do Puc Viva obviamente não estão interessados em ir além de culpar os americanos.

O que interessa aos autores de "Massacre de Gaza..." é provar, mais uma vez, que a responsabilidade deve ser atribuída primeiramente a Israel, o "gendarme" dos Estados Unidos, e na sequência ao capitalismo, portanto aos americanos.

O direito de defesa de um pequeno país (Israel tem 8 milhões de habitantes), tal como acontecera em 1938 com a República Tchecoslovaca face à potência militar alemã, é um fator totalmente desprezível na equação a ser considerada. O mesmo vale para a Ucrânia.

Enfim, é preciso enfiar os processos históricos em uma camisa de força para preservar sua pureza ideológica. E, afinal de contas, os consumidores de notícias devidamente filtradas têm direito à sua quota. O conceito de mercado - quem diria! - ajuda a explicar porque qualquer versão dos fatos (qualquer "narrativa") pode ser tratada como relevante.

Franklin Goldgrub é professor da FaCHS

ROLA NA RAMPA

Testes para Inglês Oral e Conversação Avançada

O curso de extensão Inglês Oral, que tem como objetivo desenvolver competências comunicativas, com ênfase na produção e compreensão oral, desenvolvendo também as habilidades de leitura e escrita, privilegia as habilidades orais, tanto no âmbito profissional quanto pessoal, capacitando o participante para desempenhar funções comunicativas. No 1º semestre de 2015, serão oferecidos os níveis Intro, 1, 2, 4, 6 e 8. Caso o interessado possua conhecimento prévio do idioma, poderá ingressar no curso mediante aplicação de teste para avaliar qual nível se adapta melhor a sua necessidade. Já o curso de Conversação Avançada em Inglês propõe-se a desenvolver habilidades conversacionais em nível avançado por meio de

discussões sobre temas atuais, utilizando artigos de revistas e jornais americanos e britânicos, bem como de suas respectivas páginas na internet, além de filmes, documentários e noticiários autênticos das principais redes de TV dos Estados Unidos e do Reino Unido, e a escolha dos temas levará em consideração o interesse dos participantes. No 1º semestre de 2015, serão oferecidos os níveis C.A.1, C.A.2. Os testes de Colocação para Inglês Oral e Conversação Avançada ocorrerão nos dias 4/2, das 19 às 21 h, e 7, 21 e 28/2 das 10 às 12h. Para mais informações, acesse <http://www8.pucsp.br/pos-graduacao/especializacao-e-mba/ingles-oral> e <http://www8.pucsp.br/pos-graduacao/especializacao-e-mba/conversacao-avancada-em-ingles>.

Promoção de Panetones na AFAPUC

A Associação dos Funcionários Administrativos da PUC-SP (AFAPUC) realiza uma promoção de panetones das marcas Bauduco e Visconti entre os dias 17 e 19 de dezembro, durante o horário comercial. Em sua sede, na Rua João Rama-

lho, 182, 7º andar, estarão disponíveis os produtos para escolha dos funcionários. Associados à AFAPUC poderão ter o valor gasto descontado na folha de pagamento em até duas vezes. Para mais informações, ligue para 3670-3391.

Professor do Direito lança livros

O professor Wagner Balará, do Pós em Direito, lança no dia 11/12 os livros Participação nos Lucros e Resultados e Direito Processual Administrativo Previdenciário (Thomson Reu-

ters Revista dos Tribunais), dos quais é coordenador, ao lado de Theodoro Vicente Agostinho. O lançamento acontece na Av. Brasil, 1.030, a partir das 18h30.

Festa de confraternização em Sorocaba

A Associação de Funcionários Administrativos da PUC-SP (AFAPUC) comemora o final de ano no dia 19/12, sexta-feira, em Sorocaba. Os associados possuem entrada franca no evento, que acontece na Rua Mar-

co Francisco Chiuratto, nº 10, no bairro Boa Vista em Sorocaba. A animação é por conta do DJ Reinaldo, da SOMFEST. Para mais informações, ligue para 015 3212-9905 ou 011 3670-3391

Aluno da PUC-SP recebe prêmio

O estudante Renan Medina Silvestre, do curso de Economia do campus Barueri, recebeu o prêmio do 14º Congresso Nacional de Iniciação Científica (CONIC), promovido pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Esta-

do de São Paulo (Semesp). A pesquisa "A composição da dívida pública federal: uma análise do período de 1995 a 2012" venceu os prêmios das categorias "Ciências Sociais e Aplicadas" e "Prêmio Especial". Renan foi orientado pelo professor Raphael Almeida Videira.

ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS ADM DA PUC/SP
AFAPUC

festa de
Confraternização
AFAPUC 2014

23 de Dezembro
A partir das 12h às 18h30

Shows com
Grupo Samba Puro e Magia Sertaneja
Animação com DJ

Campus Santana
Rua Voluntário da Pátria, 1653 - Santana
Próximo a estação do metrô Santana

*NÃO SERÁ PERMITIDO O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS PARA MENORES DE 18 ANOS

Os convites devem ser retirados na secretaria da AFAPUC até 22/12 no horário comercial
Convites para dependentes poderão ser descontados 2x na folha de pagamento dos associados.
A identificação é obrigatória. Não serão vendidos convites na entrada da festa